



**TRAJETÓRIAS, CAMINHOS E PERSPECTIVAS DOS EDUCANDOS DA EJA:
UMA LEITURA A PARTIR DE BOURDIEU E PAULO FREIRE**

Ana Rosária Borges de Faria¹; Maria Clarisse Vieira²

¹ Graduanda em Pedagogia, professora alfabetizadora no Programa Saber Mais (TCU), integrante do GENPEX-UnB, anafaria.ped@gmail.com; ² Doutora em educação, Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da UnB, mclarissev@yahoo.com.br

EIXO TEMÁTICO 3: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

RESUMO

Este trabalho discute resultados de pesquisa que analisa as trajetórias de educandos da EJA que freqüentam uma proposta de alfabetização de jovens e adultos no Tribunal de Contas da União (TCU). Esta pesquisa teve como objetivos: a) identificar e conhecer as trajetórias, caminhos e perspectivas dos educandos da EJA; b) conhecer as expectativas possuídas pelos educandos em relação à prática e a educação na qual estão inseridos; c) perceber e mensurar as diferenças e acúmulos entre as trajetórias dos educandos e seu possível capital cultural. A natureza da pesquisa é de abordagem qualitativa. Os procedimentos da pesquisa estão organizados na observação participante, grupo focal e levantamento bibliográfico. Os sujeitos da pesquisa são trabalhadores terceirizados que freqüentam o Programa de alfabetização Saber Mais do Tribunal de Contas da União (TCU). Este programa é composto majoritariamente por um público masculino, na faixa etária entre 20 e 54 anos. Esta pesquisa permite um olhar e uma escuta acerca da trajetória desses sujeitos com base na perspectiva de Bourdieu e Freire, por meio da análise das diferentes trajetórias dos estudantes da EJA em um espaço não formal de escolarização, o TCU, no período de abril de 2014 até o presente ano de 2015.

A análise das falas dos educandos produzidas na situação de entrevista centrou-se nas interrupções de suas trajetórias escolares nos sistemas de ensino, revelando dicotomias nas significações que cada sujeito constrói sobre as freqüentes interrupções e paralisações ao longo de suas trajetórias escolares.

É importante considerar que as propostas tradicionais e majoritárias de ensino no Brasil, tanto no setor público quanto privado, norteiam-se de maneira sistêmica, no sentido de cumprir funções específicas relacionadas às lógicas mercadológicas e suas necessidades intrínsecas, onde sujeitos da EJA são tomados enquanto indivíduos isolados de si mesmo, do mundo que os cerca, de sentimentos de particularidades e do outro. De acordo com Bourdieu (1983) citado por Nogueira e Nogueira (2014) essa percepção é reconhecida quando “[...] dois modos de aquisição da cultura; o aprendizado total, precoce e insensível, efetuado desde a primeira infância no seio da família, e o aprendizado tardio, metódico, acelerado, que uma ação pedagógica explícita e expressa assegura”.

Nesta pesquisa, buscou-se compreender as práticas educacionais e pedagógicas da Educação de Jovens e Adultos, sobretudo, aquelas desenvolvidas no interior de “espaços” não formais de escolarização. Buscamos assim a compreensão de como surge o entroncamento entre perspectivas escolares e percursos dos educandos da EJA,



marcados por trajetórias de vida diversas, não somente pela significativa experiência de vida como também sua inserção no mundo do trabalho.

De um modo geral, o educando da EJA é visto como um recipiente no qual são depositados conteúdos, e assim reforçada a dominação cultural e política, impedindo a conscientização de homens e mulheres (FREIRE, 2003). Os sujeitos que não se enquadram nessa pedagogia bancária ou não querem fazer parte e se sentem inadequados dentro das exigências e imposições desse *habitus*, acabam excluídos ou mesmo abandonam o espaço escolar.

Minha atuação nesse projeto, como professora e pesquisadora permitiu-me realizar a pesquisa com jovens e adultos que tiveram suas trajetórias no âmbito escolar fragmentadas, em idas e vindas. Segundo Nogueira & Nogueira (2002), o capital cultural é visto como a perpetuação de um sistema de valores sociais, determinados pela união de conhecimentos, informações, sinais lingüísticos, posturas e atitudes com suas particularidades que traçam a diferença de rendimentos entre os sujeitos citados anteriormente.

A pesquisa revela que a trajetória escolar, esperada e significada para esses sujeitos é a traçada linearmente, sem obstáculos para todos, como se o acesso e a permanência estivessem sido viabilizados a todos de maneira equitativa. Nesta visão, quem se desvia dessa trajetória e não retoma ou retorna a rota é por puro comodismo ou desinteresse. Tais impressões se apresentam nos relatos dos sujeitos da pesquisa, presentes em suas falas e formas de se expressar no mundo.

Os alfabetizados oriundos da EJA têm intimamente internalizados os modelos de *habitus* (BOURDIEU, 1998) social e pessoal que a sociedade os caracteriza: sujeitos desprovidos e estigmatizados como pessoas dependentes, onde seus conhecimentos, saberes, princípios e valores, são quase que considerados sem importância no sistema socioeconômico ao qual hoje nos inserimos. A produção da pesquisa e dos relatos despertam inquietações sobre as elaborações construídas pelos sujeitos oriundos da EJA no tocante à relevância do seu processo de inserção na cultura letrada que predomina em nossa sociedade. Onde as consagrações dos valores socialmente convencionados lhe são cobrados para que suas opiniões, saberes e valores sejam ratificados, revelando a necessidade de superar esta visão por meio de uma pedagogia específica, a Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2003).

No que tange ao retorno dos estudos, a pesquisa mostra como os fatores sociais e econômicos os levaram a se reinscreverem no mundo da escrita e leitura, principalmente para o exercício de suas atribuições, como ler os rótulos dos produtos utilizados no exercício de suas funções laborais; se locomoverem de um prédio ao outro e encontrar a sala e ambiente ao qual foi designado para trabalhar; ou até mesmo, o medo de perder o emprego e ter dificuldade de encontrar outro. Mas encontram-se também motivações relacionadas à sociabilidade e ao convívio familiar como ler a bíblia para pregar no espaço de reunião religiosa que freqüentam, incentivar os filhos em seus relacionamentos conjugais sobre a importância da educação, ciúmes do cônjuge, etc.

Embora os educandos reconheçam a relevância da alfabetização desenvolvida no próprio ambiente de trabalho, a escola formal é vista pelos participantes como a instituição que deve assumir a responsabilidade primordial no acesso à leitura e escrita. Não obstante, os relatos apontam para a situação econômica como o propulsor da desistência, os próprios educandos parecem não reconhecer esta conjuntura de exclusão



social, política e alienante como fatores que contribuíram para suas interrupções escolares.

Os processos de constituição desses educandos tal como se dão, requerem longas trajetórias de aproximação, em que se compatibilizam diferentes representações, valores e interesses, o que torna complexo o estabelecimento de relações com essa sociedade permeada de contradições, onde os sujeitos oriundos da EJA carregam estereótipos de fracasso e desconsiderações dos seus saberes conquistados em suas trajetórias de vida.

Esta pesquisa aponta para a necessidade e pertinência das finalidades atribuídas à educação como um projeto político e social, no qual a concepção de Freire adquire relevância por considerar as diferenças no aprendizado. Nessa concepção, as diferenças são frutos das características e necessidades de cada pessoa, onde o espaço de educação, seja, escola, trabalho, família, associações, ou seja, os espaços formais e informais de educação são individualizados no saber que cada sujeito traz e busca, sendo produzido na coletividade. Freire nos afirma a importância de uma profunda confiança na humanidade de cada ser e na sua capacidade de se produzir como sujeito da história, com o respeito ao conhecimento e prática de cada saber, fala e modo de ser e viver. Ele compreende que as mudanças começam a se desenvolver na relação dialógica e dialética que estabelecemos com o coletivo, na ajuda mútua, onde o saber de um é compartilhado com outros, para transformar a realidade, ao mesmo tempo em que o provoca. Nesta visão, “o que não é lícito fazer é esconder verdades, negar informações, impor princípios, castrar a liberdade do educando ou puni-lo, não importa como, porque não aceite, por várias razões, o meu discurso” Tal atitude implicaria recusar a “utopia. Isto sim, me faria tombar incoerentemente, no sectarismo destrutor que critiquei duramente ontem, na Pedagogia do Oprimido, e critico hoje ao revisitá-la, na Pedagogia da Esperança” (FREIRE, 2003, pag. 84)

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 18ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido, 4ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: BOUDIEU, P. Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; **NOGUEIRA**, Maria Alice. *A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições*. Educ. Soc., Campinas, v. 23, n. 78, Apr. 2002 .

NOGUEIRA, Maria Alice, Nogueira Cláudio Marques Martins. Bourdieu & a Educação. 4. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Trajetória Escolar, Habitus Escolar, Percursos.